

Credores divididos

34 JUL 1989

Dívida Externa

GAZETA MERCANTIL

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Credores divididos

por Getulio Bittencourt
de Nova York

(Continuação da 1ª página)
que devem e credores de-
vem insistir em que isso
aconteça. "Perdão da
dívida pertence ao setor
de ajuda externa, e os
bancos não estão nesse
negócio", argumenta.

Mas pelo menos um
banqueiro ouvido ontem
por este jornal concorda
em linhas gerais com a
descrição de Christine
Bogdanowicz-Bindert.
"Nós entendemos que o
principal não é o maior
problema", disse esse
banqueiro, que está en-
volvido na corrente nego-
ciação com o México. "U-
ma redução de 10% no
principal refletirá um
alívio de apenas 1% nos
pagamentos de juros do
país", acrescentou.

Ele tem um outro argu-
mento a respeito do prin-
cipal. "O principal da
dívida tem sido renego-
ciado sem problemas. E
não tem sido pago. Daí a
nossa pergunta: por que
reduzir algo que não está
sendo pago? Isso é uma
simplificação, mas trata-
se disso. O problema real
é que os países em desen-
volvimento não estão con-
seguindo pagar os juros.
O coração da questão é o
pagamento dos juros."

Mesmo esse banqueiro
pondera, contudo, que ne-
nhum banco dirá que pre-
fere esta ou aquela opção
"sem ter todas as alter-
nativas colocadas na me-
sa. Mas é possível dizer
que alguns bancos estão
partindo de pontos dife-
rentes na negociação",
concluiu.

Os grandes bancos norte-
americanos estão divididos
quanto à melhor maneira
de administrar a dívida ex-
terna dos países em desen-
volvimento. O Citibank es-
tá pressionando por uma
combinação de dinheiro no-
vo com redução do serviço.
O Morgan luta pela redu-
ção do principal. E o Che-
mical Bank e o Manufactu-
rers Hanover pela redução
dos juros.

As informações estão
desdobradas num livro so-
bre a dívida externa do
Terceiro Mundo que está
sendo editado pela diretora
do Banco de Investimentos
Shearson Lehman Hutton
em Frankfurt, na Alema-
nhia Ocidental, Christine
Bogdanowicz-Bindert. Os
bancos alemães, segundo
ela, também estão divididos.
Os belgas são contra
emprestar dinheiro novo.

E a primeira vez que os
bancos se mostram dividi-
dos, se isso for real, disse a
este jornal o professor Da-
vid Felix, da Universidade
de Illinois. E lembra que a
história da dívida até aqui
tem sido o contrário: os
bancos unidos, portanto
fortes, e os países separa-
dos, portanto fracos.

A descrição que ela faz
sobre a estratégia defendida
pelo Citicorp é correta,
segundo confirmou a este
jornal uma fonte do maior
banco dos Estados Unidos.
"A informação sobre o
Morgan Guaranty defen-
dendo a redução do prin-
cipal está correta", disse a
este jornal um banqueiro
nova-iorquino.

Mas o próprio Morgan
discorda. "Eu até imagino
de onde ela tirou essa
idéia", disse o porta-voz do
banco, John M. Morris. "É
porque nós fizemos uma re-
dução do principal da divi-
da mexicana através do bô-
nuus MMB (Morgan-

Mexican Bonds), colatera-
rizado com uma garantia
de cupom zero do Tesouro
dos Estados Unidos.

Morris assegura, porém,
que Christine está errada
na medida em que sugere
que o Morgan defende essa
posição excluindo alterna-
tivas. "Nós somos fle-
xíveis", assegura. "Nós
queremos um menu de op-
ções e não a defesa de uma
alternativa com exclusão
de outras. Não podemos
dar detalhes porque as ne-
gociações com o México es-
tão em curso, mas posso
afirmar que nossa posição
é flexível."

O Manufacturers Han-
over também discorda.
"Nossa posição não é essa,
não sei de onde ela tirou es-
sa idéia", disse a este jornal
o porta-voz do banco,
John Meyers. Ele nota que
recentemente o vice-
presidente executivo interna-
cional do Manufacturers,
John J. Simone, dei-
xou clara a posição do ban-
co ao dizer que a resposta
para a crise da dívida será
encontrada "não na fixa-
ção da corrente abordagem
país por país, mas na cons-
trução sobre os sucessos
dessa abordagem, fortale-
cendo o que precisa ser for-
talecido e expandindo as
opções quando apropria-
do".

Simone considera-se um
conservador. Acredita, por
exemplo, que devedores
devem pagar o

(Continua na página 2)

*O impasse na renegocia-
ção da dívida externa do
México com os bancos cre-
dores está causando irrita-
ção ao presidente do país
latino, Carlos Salinas de
Gortari. Na semana passa-
da, Salinas chegou a admis-
tar a presidentes da Améri-
ca Latina que talvez seja o
caso de se rearticular uma
ação conjunta dos países
devedores.*

(Ver página 2)